

CAMPANHA DA FRATERINIDADE 2024

“Vós sois todos
irmãos e irmãs”
(Mt 23,8)



ORAÇÃO DA CF 2024

Deus **Pai**, vós criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade. Vós os resgatastes pela vida, morte e ressurreição do vosso Filho, **Jesus Cristo**, e os tornastes filhos e filhas, santificados no **Espírito**.

ORAÇÃO DA CF 2024

Ajudai-nos, nesta Quaresma, a compreender o valor da amizade social e a viver a beleza da fraternidade humana aberta a todos, para além dos nossos gostos, afetos e preferências, num caminho de verdadeira penitência e conversão.

ORAÇÃO DA CF 2024

Inspirai-nos um renovado compromisso batismal com a construção de um mundo novo, de diálogo, justiça, igualdade e paz, conforme a Boa-Nova do Evangelho.

ORAÇÃO DA CF 2024

Ensinai-nos a construir uma sociedade solidária,
sem exclusão, indiferença, violência e guerras.

E que Maria, vossa Serva e nossa Mãe,
nos eduque, para fazermos vossa santa vontade.

Amém!

CAMPANHA DA FRATERINIDADE 2024

“Vós sois todos
irmãos e irmãs”
(Mt 23,8)



Objetivo geral

**Despertar para o valor e a beleza da
fraternidade humana,
promovendo e fortalecendo
os vínculos da amizade social,
para que, em Jesus Cristo,
a paz seja realidade
entre todas as pessoas e povos.**

Objetivos específicos

1. **Analisar** as diversas formas da mentalidade de indiferença, divisão e confronto em nossos dias e suas consequências para toda a humanidade, inclusive na dimensão religiosa.

Objetivos específicos

2. Compreender as principais causas da atual mentalidade de oposição e conflito, geradora da incapacidade de ver nas outras pessoas um irmão e irmã.

Objetivos específicos

3. Conscientizar sobre a necessidade de construir a unidade em meio à pluralidade, superando divisões e polarizações.

Palavras-chave

abertura, acolhida, compaixão, comunidade, confronto,
conversão, convivência, descarte, diálogo, empatia,
exclusão, fraternidade, indiferença, isolamento, ódio, paz,
penitência, proximidade, reconciliação, respeito, tolerância,
amizade social, amor político, cancelamento digital,
cultura do encontro, desenvolvimento integral,
espiritualidade de comunhão, família humana,
fraternidade universal, muros ou pontes,
amor além-fronteiras, dignidade humana inalienável,
fraternidade aberta a todos.

É verdade que uma tragédia global
como a pandemia da Covid-19
despertou, por algum tempo,
a consciência de sermos
uma comunidade mundial
que viaja no mesmo barco,
em que o mal de um
prejudica a todos.



(Fratelli Tutti 32)

Com a tempestade,
caiu o disfarce dos estereótipos
com que mascaramos nosso 'eu'
sempre preocupado com a própria imagem;
e **ficou evidente**, uma vez mais,
esta (abençoada) pertença comum,
à qual não podemos nos subtrair:
a pertença como irmãos. *



** Trecho da homilia durante o momento extraordinário de oração, em 27 de março de 2020.*

Fixemos o modelo do bom samaritano. É um texto que nos convida a fazer ressurgir a nossa vocação de cidadãos do próprio país e do mundo inteiro, construtores de um novo vínculo social. Embora esteja inscrito como lei fundamental do nosso ser, é um apelo sempre novo: que a sociedade se oriente para a busca do bem comum e, a partir deste objetivo, reconstrua incessantemente a sua ordem política e social, o tecido das suas relações, o seu projeto humano. Com os seus gestos, o bom samaritano fez ver que “a existência de cada um de nós está ligada à dos outros: a vida não é tempo que passa, mas tempo de encontro”.* (*Fratelli tutti* 66)

* Francisco. *Videomensagem ao encontro internacional TED2017 em Vancouver* (26 de abril de 2017): *L'Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 4/5/2017), 16.

[...] Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído “nas margens da vida”. Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade, alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade. (*Fratelli tutti* 68)

[...] **Já não há distinção** entre habitante da Judeia e habitante da Samaria, não há sacerdote nem comerciante; **existem simplesmente dois tipos de pessoas**: aquelas que cuidam do sofrimento e aquelas que passam ao largo; aquelas que se debruçam sobre o caído e o reconhecem necessitado de ajuda e aquelas que olham distraídas e aceleram o passo. De fato, **caem as nossas múltiplas máscaras, os nossos rótulos e os nossos disfarces**: é a hora da verdade. **Vamos nos debruçar para tocar e cuidar das feridas dos outros? Vamos nos abaixar para levar o outro às costas? Este é o desafio atual**, de que não devemos ter medo. Nos momentos de crise, a opção torna-se premente: **poderíamos dizer que, neste momento, quem não é salteador e quem não passa ao largo, ou está ferido ou carrega aos ombros algum ferido.** (*Fratelli tutti* 70)

[...] Vimos avançar no mundo as sombras densas do abandono, da violência usada para mesquinhos interesses de poder, acúmulo e repartição. A questão poderia ser: deixaremos ali estirado por terra o homem maltratado para correr cada qual a esconder-se da violência ou a perseguir os ladrões? Será o ferido a justificação das nossas divisões irreconciliáveis, das nossas cruéis indiferenças, dos nossos confrontos internos? (*Fratelli tutti* 72)

A proposta é fazer-se presente a quem precisa de ajuda, independentemente de fazer parte ou não do próprio círculo de pertença. Neste caso, o samaritano foi quem se fez próximo do judeu ferido. Para se tornar próximo e presente, ultrapassou todas as barreiras culturais e históricas. [...] Por outras palavras, desafia-nos a deixar de lado toda a diferença e, na presença do sofrimento, fazer-nos próximos a quem quer que seja. Assim, já não digo que tenho «próximos» a quem devo ajudar, mas que me sinto chamado a tornar-me eu um próximo dos outros. (*Fratelli tutti* 81)

O ser humano está feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve, nem pode encontrar a sua plenitude “a não ser no sincero dom de si mesmo” (GS, 24) aos outros. E não chega a reconhecer completamente a sua própria verdade, senão no encontro com os outros: “Só me comunico realmente comigo mesmo, na medida em que me comunico com o outro”.* Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor de viver, sem rostos concretos a quem amar. [...] (*Fratelli tutti* 87)

* MARCEL, Gabriel. *Du refus à l'invocation* (Paris, 1940), 50.

[...] Uma sociedade humana e fraterna é capaz de preocupar-se por garantir, de modo eficiente e estável, **que todos sejam acompanhados no percurso da sua vida**, não apenas para assegurar as suas necessidades básicas, mas **para que possam dar o melhor de si mesmos**, ainda que o seu rendimento não seja o melhor, mesmo que sejam lentos, embora a sua eficiência não seja relevante. (*Fratelli tutti* 110)

[...] Já existem provas abundantes de todo o bem que somos capazes de realizar, mas ao mesmo tempo devemos reconhecer a capacidade de destruição que existe em nós. Não será esse individualismo indiferente e desalmado em que caímos o resultado da preguiça de buscar os valores mais elevados, que vão além das necessidades momentâneas? Ao relativismo junta-se o risco de que os poderosos ou os mais hábeis consigam impor uma suposta verdade. Pelo contrário, “diante das normas morais que proíbem o mal intrínseco, não existem privilégios ou exceções para ninguém. Ser o dono do mundo ou o último ‘miserável’ sobre a face da terra não faz diferença alguma: **perante as exigências morais, todos somos absolutamente iguais**” (VS, 96). (*Fratelli tutti* 209)

[...] O que conta é gerar *processos de encontro*,
processos que possam construir um povo capaz de
coleccionar as diferenças. **Armemos os nossos filhos
com as armas do diálogo!**

Vamos ensinar-lhes o bom combate do encontro!
(*Fratelli tutti* 217)

A promoção da amizade social implica não só a aproximação entre grupos sociais distantes devido a algum período conflituoso da história, mas também a busca de um renovado encontro com os setores mais pobres e vulneráveis. A paz “não é apenas ausência de guerra, mas o empenho incansável – especialmente daqueles que ocupam um cargo de maior responsabilidade – de reconhecer, garantir e reconstruir concretamente a dignidade, tantas vezes esquecida ou ignorada, de irmãos nossos, para que possam sentir-se os principais protagonistas do destino da própria nação”*.

(Fratelli tutti 233)

* FRANCISCO. *Discurso no encontro com as autoridades, o corpo diplomático e alguns representantes da sociedade civil* (Maputo – Moçambique, 5 de setembro de 2019): *L'Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 10/9/2019), 3.

[...] A Igreja “tem um papel público que não se esgota nas suas atividades de assistência ou de educação”, mas busca a “promoção do homem e da fraternidade universal” (CV, 11). Não pretende disputar poderes terrenos, mas oferecer-se como “uma família entre as famílias – esta é a Igreja –, disponível [...] para testemunhar ao mundo de hoje a fé, a esperança e o amor ao Senhor, mas também àqueles que Ele ama com predileção. Uma casa com as portas abertas... **A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe**”. E como Maria, a Mãe de Jesus, “queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade [...] para lançar pontes, abater muros, semear reconciliação”.

(Fratelli tutti 276)

Entre as religiões, é possível um caminho de paz. O ponto de partida deve ser o olhar de Deus. Porque, “Deus não olha com os olhos, Deus olha com o coração. E o amor de Deus é o mesmo para cada pessoa, seja qual for a religião. E se é um ateu, é o mesmo amor. Quando chegar o último dia e houver a luz suficiente na terra para poder ver as coisas como são, não faltarão surpresas!”* (*Fratelli tutti* 281)

* Do filme de Win Wenders *O Papa Francisco – Um homem de palavra. A esperança é uma mensagem universal* (2018).

SERES DE DESEJO E DE VONTADE

Um desejo profundo é capaz de comprometer nossa vontade mais íntima e, se nossa vontade mais íntima estiver bem ordenada e discernida, ela poderá levar-nos a agir com responsabilidade, em vista de um bem maior e mais fecundo.

SITUANDO-NOS...

O ser humano vive em situação, vive situando-se: tem um corpo, um passado, uma história, uma língua, alguns amigos, pertence a certa época, vive num lugar...

CRIADOS TODO O TEMPO...

Criando-nos à Sua Imagem, Deus chama cada um de nós a dar a esta imagem Sua semelhança particular.

Como Jesus deu à Imagem do Pai um rosto humano particular, à sua Palavra um sotaque único, cada um dentre nós é chamado a refletir na sua vida a santidade do Pai.

INSCREVENDO UMA RESPOSTA

A resposta que vamos dar a Deus não está inscrita em lugar nenhum, nem no livro da vida, nem mesmo no coração de Deus, senão como uma espera e uma esperança. A esperança de algo que Deus não vê ainda e ao qual vamos dar forma e rosto. Aí estão a grandeza e o risco de nossas vidas: sermos assim chamados a despertar a alegria de Deus pela qualidade e pela generosidade de nossa resposta!

UMA VONTADE EM POTENCIAL

Não podemos tudo, mas podemos dar sentido e rosto ao que seria apenas um destino. Nesse **esforço de criação pessoal**, em resposta ao chamado de Deus, **o Espírito se junta a nós**, não como uma força exterior que se impõe, mas como uma energia interna suscitada em nós pela acolhida da Palavra de Deus e pela participação na vida da Igreja.

ACOMPANHADOS NO SEGUIMENTO...

Para ajudar-nos na nossa resposta, a Igreja nos religa a uma imensa multidão de testemunhas que ela mesma nos ensina a reconhecer como irmãos. Suas vidas, suas escolhas estão aí, diante de nós, como muitos chamados, não a imitá-los simplesmente, mas a segui-los.

A COMUNHÃO REINVENTANDO-SE...

Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Teresa de Ávila, por exemplo, são únicos e não podemos meramente imitá-los; suas vidas são, para nós, convites para (re)inventarmos a nossa resposta.

PERMANECENDO NO AMOR...

Como nos lembra São Paulo, esse amor “aniquilou-se a si mesmo” (Fil 2, 7) diante da nossa própria liberdade, assumindo a condição de Servo. Equivale a dizer que, chamando-nos à comunhão, Deus não tem outro desejo senão o de consagrar a nossa liberdade, oferecendo-lhe um horizonte que a amplia até o infinito: “Permaneçam em mim, como eu em vocês. Eu lhes digo isso para que a minha alegria esteja em vocês e que a sua alegria seja completa” (Jo 15, 4. 11).

SEDE FECUNDOS!

Portanto, se Deus tem um desejo para cada um de nós, é, primeiramente, o de nos tornar fecundos, o de nos ver dar frutos: “Não foram vocês que me escolheram; fui eu que os escolhi e os estabeleci para irem e dar fruto e para que este fruto permaneça” (Jo 15, 16). Aqui não impera a lógica do resultado, mas o sentido da fecundidade, a disposição para o *Magis*.

“UM AMOR QUE NÃO CRESCE CORRE PERIGO...”

**Do mesmo modo como
o amor suscita o amor,
a liberdade desperta a liberdade:
a liberdade de Deus desperta,
assim,
a liberdade do ser humano.**